

Freud, leitor de Schopenhauer?

Eduardo de Carvalho Martins

E-mail: dupsimart@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho propõe pôr em questão certas aproximações entre Freud e Schopenhauer, comuns na literatura de comentário que se ocupa de ambos os autores, não somente para mostrar que se trata de dois pensamentos distintos – o que, de resto, é evidente –, mas utilizando essas aproximações como ocasião para discutir os limites de uma interpretação filosófica de Freud, na medida em que esta deixa de reconhecer os elementos internos à lógica da formulação da teoria pela qual ganham sentido as definições e as revisões de seus conceitos. Tendo por base a perspectiva preponderante na filosofia de Schopenhauer e apontada por comentadores na obra freudiana, trata-se de explicitar as temáticas presentes em ambos e apontar para divergências e/ou convergências na Weltanschauung e na proposição assumida por cada autor.

Palavras-chave: Freud; Schopenhauer; filosofia da psicanálise; ética; metapsicologia.

Abstract: The proposal of the work here described is to discuss some approaches between Freud and Schopenhauer, usual in comment literature that take both authors, not just to show that they deal with two different thoughts – what, in fact, is evident –, but making use of these approaches as an occasion to discuss the edges of a Freud's philosophical interpretation when that stop recognizing the intern edges to the logical of the theory formulation from when the definitions and review of his concepts make sense. Based on a preponderant perspective of Schopenhauer's philosophy and pointed out by Freud's commentators, it deals with the explanation

of current themes about both of them and point out to divergences and/or convergences in *Weltanschauung* and the proposition assumed by each one.

Key-words: Freud; Schopenhauer; Psychoanalyses philosophy; ethic; Metapsychology.

Não são poucos os autores que, ao analisar o conteúdo de uma obra, acabam identificando traços constituintes de obras pertencentes a outros autores. É difícil imaginar uma leitura que não esteja contaminada por leituras anteriores, cujos olhares acabam moldando o mundo e transformando-o, em constante reinvenção. De maneira similar, é difícil pensar na construção de uma disciplina, por mais original que ela possa ser, em que não estejam contidos pensamentos anteriores, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente. O processo de construção do conhecimento, seja ele filosófico ou científico, pauta-se, sobretudo, pela interlocução e pressuposição de algum tipo de “lente” através da qual o mundo passa a ser visto, por códigos de leitura do mundo. Os códigos de leitura fazem com que, como bem aponta Torres Filho, “quando vemos uma pomba voando, estamos longe de simplesmente ver” (1987, p. 25). Em filosofia, como já sabemos, Kant atentou para o equívoco filosófico de se “ver” dogmaticamente, de se tentar explicar o mundo independentemente de nossos modos de apreensão. Porém, embora seja pressuposta a influência de modos de olhar o mundo estabelecidos, uma certa dose de originalidade é combustível essencial para o desenvolvimento de qualquer sistema de pensamento.¹ Seja por meio das mudanças teórico-interpretativas, seja através das mudanças prático-metodológicas, a construção de novos códigos de leitura sempre pressupõe um certo grau de inovação.

Tendo por base essa preocupação, a temática do presente trabalho atentou para a controvérsia em relação ao cuidado que se deve tomar no estabelecimento de paralelos entre autores de disciplinas, épocas e enfo-

¹ Freud também trata as ciências como pertencentes ao âmbito das convenções, em que o “avanço do conhecimento não tolera qualquer rigidez” (Freud 1915, p. 113).

ques teóricos diferentes. Controvérsia porque se observam duas posturas: ou simplesmente se ignoram as inúmeras diferenças entre as disciplinas, resultando em confusões conceituais, metodológicas e históricas; ou, então, ignora-se qualquer tipo de relação a fim de evitar as mesmas diferenças conceituais, metodológicas e históricas. Também acresce o fato de os autores com que trabalharemos terem sido muitas vezes relacionados de maneira oposta à proposta aqui, que é a de complementaridade. Outro fator decisivo para a escolha do tema proposto é a quantidade de referências explícitas envolvendo Freud e Schopenhauer.

Diante de tantas aproximações entre Freud e Schopenhauer, várias questões emergem. Seria o caso incluir as temáticas tratadas como de domínio exclusivo da filosofia, do qual Freud teria se alimentado? Ou poderíamos tratar esses temas como predominantemente psicológicos e apontar a filosofia de Schopenhauer como uma psicologia? Essas questões encontram espaço em diversos comentadores, daí a necessidade de aprofundamento sobre elas.

Freud e o advento da psicanálise schopenhaueriana

A escolha desse subtítulo não é acidental, tampouco original. Ela se baseia em afirmações explícitas de comentadores acerca do desenvolvimento da psicanálise. Para alguns, a psicanálise não seria mais do que uma aplicação prática da filosofia schopenhaueriana.

Encontramos, nesse cenário interpretativo das origens da psicanálise, opiniões como a de Assoun (1995, p. 64), situando a “herança schopenhaueriana de Freud [...] entendida no contexto de uma evolução da história das idéias [...] que instala Schopenhauer no centro do cenário filosófico ao fim do século XIX”. Nessa mesma linha de raciocínio, encontram-se trabalhos como o de Bischler (1939) e Procter-Greg (1956), estabelecendo semelhanças entre as visões éticas e estéticas de ambos,

entendidas como herdeiras da cultura alemã, e também Bianco (2002), situando a psicanálise como herdeira do pensamento romântico.

Há também opiniões como as de Brook e Young (1994, p. 101), afirmando que “os paralelos entre Freud e Schopenhauer vão bem além da influência cultural”. Estes, um pouco mais enfáticos e categóricos, dizem que a influência do pensamento de Schopenhauer, “o filósofo mais amplamente discutido no mundo de fala germânica na juventude de Freud”, fez com que Freud se aproveitasse conscientemente das idéias schopenhauerianas para construir a maioria dos conceitos utilizados em seus trabalhos.² As referências nessa direção são inúmeras.³

Autores como Raikovic (1996, p. 154) vão mais além, chegando a acusar Freud de plágio, atribuindo as mudanças operadas ao longo do desenvolvimento da psicanálise à descoberta de Schopenhauer por Freud. Outro grupo de comentadores situa-se em posição menos radical e procura realizar aproximações entre os sistemas de pensamento considerando alguns pontos específicos. Entre estes podemos citar Hamlyn (1988), que se ateuve à relação específica entre o caráter pulsional em Freud e a Vontade em Schopenhauer; Gupta (1986) relaciona os diferentes envolvimento de Freud, Schopenhauer e Marx perante a literatura. Já Clegg (1980, p. 42), relaciona as diferenças entre os dois autores como “não tão cruciais como parecem ser [...], mas como uma transposição de temas de um *ethos* metafísico a um empírico”.

Diante de tantas aproximações, surge a pergunta: estaria Freud realmente utilizando a filosofia schopenhaueriana para construir a psicanálise?

² Para eles, Freud apoiou-se em Schopenhauer na formulação dos conceitos de isso, ego, libido, sexualidade infantil, associação, teoria dos sonhos, teoria das neuroses e nas duas teorias pulsionais.

³ Há também os trabalhos de Ellenberger (1970), Gardinner (1963) e Magges (1989) que, de modo similar, aproximam os pensamentos e alegam influência direta de Schopenhauer sobre Freud e a psicanálise.

Filosofia freudiana – Freud e a filosofia

Antes de mais nada, podemos caracterizar a postura de Freud perante o discurso filosófico de, no mínimo, ambivalente. Ela oscila das referências a filósofos como Kant e Schopenhauer até a negação de todo e qualquer conhecimento e interesse pela filosofia, passando pela análise dos sistemas filosóficos dentro de uma perspectiva clínica e pela crítica acentuada à filosofia enquanto fonte segura de conhecimento.

Em primeiro lugar, Freud confessa ignorância em assuntos propriamente filosóficos, ignorância, segundo ele, derivada de sua falta de contato mais intenso com a filosofia e de seu comprometimento com a ciência. Essa ignorância derivaria do desinteresse e de um aparente descaso para com a disciplina filosófica. Sua proclamação de desinteresse pela filosofia basear-se-ia em pelo menos dois motivos: a filosofia não admitira, desconhecer ou ignorara até então o psiquismo inconsciente; a filosofia não se baseia em um método seguro de construção do conhecimento e, apesar de possuir intuições importantes acerca dos fenômenos do mundo, não consegue sustentá-las ou validá-las devido a seu caráter excessivamente especulativo.⁴

Por que, então, Freud, que se diz tão apartado do conhecimento filosófico, utiliza tantas referências filosóficas, opinando sobre a filosofia de Kant e Schopenhauer, citando Platão, Schelling, Hume, Hobbes, Hegel, dentre outras? Por que alguém que diz ter lido Schopenhauer muito tarde em sua vida “queria comparar as concepções de Kant e Schopenhauer sobre o tempo”⁵ já antes da publicação de *A interpretação dos sonhos*?

A negação da filosofia, propalada algumas vezes por Freud, mais do que desconhecimento, revela um receio. A postura de distância serviu

⁴ “(A filosofia) perde o rumo com seu método de superestimar o valor epistemológico de nossas operações lógicas e de aceitar outras fontes de conhecimento, como a intuição” (Freud 1933, p. 148).

⁵ “Uma tarde, estava deitado em meu sofá, sentindo-me extremamente sonolento; mesmo assim, forcei-me a pensar num problema filosófico. Queria comparar as concepções de Kant e Schopenhauer sobre o Tempo” (Freud 1900, p. 499).

como um meio para que continuasse sua trajetória autônoma na instauração de uma disciplina própria. O movimento de constituição da psicanálise, com pretensões de fundação de uma ciência natural, tornou-se para ele incompatível com a adesão a algum sistema filosófico de base puramente especulativa, uma vez que não utiliza uma metodologia empírica como comprovação de suas intuições. Todos sabemos, e o próprio Freud o cita em carta a Fliess, que seu aparente descaso pela filosofia foi muito mais uma atitude de precaução no caminho de construção de uma ciência do que de desinteresse por um sistema de pensamento.⁶ O contato de Freud com a filosofia, se não foi intenso, também não foi nulo, e as referências ao longo de sua obra dão indícios desse contato. Porém, tomar as referências filosóficas como indício de instauração de um sistema filosófico é tarefa precipitada. Parece-nos que é essa a preocupação freudiana, daí sua aparente contradição.

O esforço de separar metodologicamente a psicanálise da filosofia, no entanto, não impediu Freud de utilizar as filosofias como ferramenta discursiva. Freud utiliza tanto referências à filosofia quanto à literatura como instrumentos de argumentação na formulação de seu campo específico de saber. Essas citações, contudo, não são utilizadas isoladamente para o desenvolvimento de alguma idéia ou conceito, como se possuíssem autonomia decisória e funcionassem como dados empíricos, mas somente à guisa de auxílio no propósito de ênfase perante a defesa de determinada idéia. Conforme ele mesmo cita, as filosofias são os “ancestrais nobres” que anteciparam “muitas das descobertas” da psicanálise através de “pensadores perfeitamente respeitáveis” (Rouanet 1996, p. 218). Verifica-se, então, que a aparente atitude ambivalente de Freud em relação à filosofia deriva mais de uma ênfase na caracterização da psicanálise enquanto ciência do que de uma rejeição incondicional das idéias fornecidas pela filosofia. Em diversas situações, inclusive, ele aponta para algum sistema filosófico

⁶ “Nos meus anos de juventude, a nada aspirei tanto como ao conhecimento filosófico, e estou a realizar este voto, passando da medicina à psicologia” (Freud 1950 [1887-1902], Carta de 2 de abril de 1896, p. 51).

como precursor de idéias da psicanálise, sem, contudo, acarretar disso uma identificação da psicanálise com tal sistema, o que poderia resultar em uma subordinação do campo de estudo psicanalítico ao sistema e à conseqüente perspectiva reducionista do desenvolvimento da psicanálise. O enunciado de Gay parece elucidativo:

Freud poderia descobrir formulações muito semelhantes nos memoráveis epigramas de Schopenhauer e Nietzsche. Sua contribuição específica foi a de tomar uma noção vaga, por assim dizer poética, dar-lhe precisão e convertê-la no fundamento de uma psicologia especificando as origens e conteúdos do inconsciente e sua forma categórica de busca de expressão. (Gay 1989, p. 131)

O caminho constitutivo da ciência psicanalítica, apesar de apoiado sobre diferentes disciplinas, dentre elas a biologia, a física e a neurologia, possui seu campo próprio de atuação e não deve ser reduzido a elas. É fato notório que Freud utilizava-se de conceitos biológicos como base para postulação de conceitos psicanalíticos, assim como de princípios físicos e, sobretudo, enunciados neurológicos. Mas reduzir o panorama epistemológico da psicanálise às disciplinas particulares, parece conduzir a própria psicanálise a não ter mais sentido de existência.

Não é nosso interesse aqui discutir o valor científico das proposições psicanalíticas, e sim demonstrar que a indiferenciação entre a metodologia psicanalítica e a filosófica resulta do equívoco em tomar uma teoria filosófica como base da psicanálise. O distanciamento de Freud perante a filosofia visava à legitimação da psicanálise enquanto ciência natural. Se a tentativa de legitimação científica não foi frutífera é assunto para outros trabalhos. Mesmo que não tenha sido, porém, não invalidaria a distância entre a psicanálise e a filosofia, haja vista suas diferenças metodológicas e epistemológicas.

A psicanálise de Schopenhauer

Se, conforme vimos, a psicologia freudiana encontrava na filosofia indícios de confirmação de seus construtos teóricos, podemos considerar também em que medida a tradição filosófica caminhou em direção a uma “psicologização” de seus conceitos. Dentro desse raciocínio, podemos perguntar até que ponto a filosofia de Schopenhauer não estava impregnada de um certo psicologismo, situada na fronteira demarcatória entre a tradição filosófica e a psicologia.

Sabemos que o constante apelo schopenhaueriano aos dados intuitivos, sua rejeição da construção de teorias baseadas na “cucolândia das nuvens”, meramente abstratas e sem base sobre a realidade objetiva, aproximavam-no de um projeto de cunho empírico-cientificista muito mais que outras filosofias. Soma-se a isso uma proposta introspeccionista, corporificante e imanente, baseada na preponderância do intuitivo sobre a gênese das representações abstratas e no caráter empírico como meio de validação de suas especulações acerca da essência dos fenômenos observados. Schopenhauer, inclusive, chega a proclamar diversas vezes seu apreço à valoração dos dados empíricos feita pela ciência e a proximidade dessa valoração com sua filosofia, dada a preponderância na relação que estabelece com as representações intuitivas, ao contrário de outros sistemas filosóficos.⁷

Não podemos deixar de ressaltar que a relação de Schopenhauer com o desenvolvimento científico de sua época é mais estreita do que possa parecer à primeira vista. Conforme explicitado por Neves (2002), Schopenhauer teve contato com a prática psiquiátrica em suas visitas à ala psiquiátrica do hospital Charité de Berlim. Segundo o autor, a teoria da loucura desenvolvida por Schopenhauer derivou de sua vivência empírica em encontros regulares com pacientes internos durante essas visitas. Para D. Nolen, tradutor francês de von Hartmann, “a popularidade [...] da

⁷ “Minha metafísica afirma-se, pois, como a única a possuir uma fronteira verdadeiramente comum com as ciências físicas” (Schopenhauer apud Assoun 1976, p. 206).

escola de Schopenhauer era devido, em parte, ao fato de afastar-se, *menos que as outras* (filosofias), dos métodos e das conclusões da ciência positiva” (Nolen apud Assoun 1976, p. 200).

Outro dado importante a ser acentuado é a leitura schopenhaueriana da *Crítica da razão pura*, tida por comentadores como cientificista e psicologizante. Dentro dessa perspectiva, seria Schopenhauer aquele que estaria sendo contaminado pela disciplina alheia, pois sua filosofia estaria mais envolvida em argumentações e exemplificações de caráter estritamente psicológico do que a psicanálise, em argumentações de cunho estritamente filosófico. Dentre os “psicologismos” schopenhauerianos, podemos destacar a controversa interpretação do entendimento kantiano sob a fórmula fisiológica. Também faz referências às formas da intuição e causalidade como orgânicas, psiquicamente formadas, e ao aparato de representação (Schopenhauer 2003, p. 76). A transformação da filosofia transcendental em inatismo fisiológico e do entendimento em cérebro aproxima Schopenhauer de uma interpretação neurofisiológica da filosofia transcendental e, portanto, da formulação de uma espécie de psicologia, à qual se acrescenta a base de cunho metafísico. O conhecimento *a priori* foi transformado por Schopenhauer em “participação das funções cerebrais”.⁸ Sua proximidade com o desenvolvimento das ciências empíricas de sua época o conduz a uma interpretação psicologizante da filosofia, e, nesse sentido, sua proposta filosófica utiliza tentativas de fundamentação empírico-psicológica, mais do que a proposta psicanalítica freudiana de uma fundamentação metafísico-filosófica. A metodologia da filosofia schopenhaueriana, ao apoiar-se sobre os dados empíricos, suscitou interpretações como a de Philonenko: “Schopenhauer se tornou não somente um fenomenólogo da vida ética, mas também um psicólogo” (1980, p. 239).

⁸ “Kant abstraiu além da participação dos sentidos no fenômeno, também a participação das funções cerebrais (embora não com esse nome)” (Schopenhauer 1980, p. 87). Ver também em Schopenhauer 1958, p. 246.

Obviamente, Schopenhauer não estava preocupado em fundar uma teoria psicológica, pois o limite da explicação fenomenal, para ele, era claramente delimitado e insuficiente. A ciência somente conseguiria chegar até o ponto em que sua filosofia metafísica se iniciava. Segundo ele, a “etiologia e a filosofia não interferem nunca uma com a outra; elas caminham uma ao lado da outra, estudando o mesmo objeto sob pontos de vista diferentes” (Schopenhauer s/d, p. 149).⁹

Segundo Assoun (1976, p. 206), a fronteira que Schopenhauer estabelece com as ciências da natureza permite pensar em uma relação de complementaridade que se verifica entre sua metafísica e as ciências da natureza, sendo descartada qualquer relação de assimilação de uma pela outra ou mesmo de oposição. Desse modo, há um “ponto de contato inevitável” entre as duas, que faz com que as ciências da natureza, na qual Freud se diz incluso, atinja “por seus próprios meios” (Schopenhauer apud Assoun 1976, p. 206), segundo Schopenhauer, o encontro com a barreira que a separa da metafísica, atingindo assim a “junção com ela”. Essa afirmação de Schopenhauer parece antecipar uma outra, freudiana, que caminha ao seu encontro: “Mas [...] por que um pensador ousado não poderia ter entrevisto algo que depois se confirma por intermédio de uma pesquisa séria e laboriosa?” (Freud 1933, p. 99). Esses dois enunciados, quando aproximados, parecem validar a independência com a qual cada um pretendia desenvolver seus próprios projetos. Independência filosófica das ciências naturais e independência científica da filosofia.

Podemos apontar, então, para uma leitura de Schopenhauer como utilizando um meio de comprovação empírica de sua metafísica que, ao invés de excluir disciplinas como a psicologia, caminha lado a lado com elas, embora “estudando o mesmo objeto sob pontos de vista diferentes” (Schopenhauer s/d, p. 149). Parece que esse espírito empírico-cientificista

⁹ Ou, ainda: “Diferentemente dos outros, meu sistema não permanece suspenso no ar, muito acima de toda realidade e de toda experiência, mas desce até o solo firme da realidade, onde as ciências da natureza vêm assumir o espírito ávido de saber” (Schopenhauer s/d, p. 184).

que regia o pensamento do século XIX, do qual Freud foi herdeiro, também contaminou a filosofia schopenhaueriana, fazendo com que as interpenetrações entre os diferentes campos de saber fossem confundidas com apropriações ou oposições. Schopenhauer, apesar de utilizar referências constantes às ciências, apontava para sua limitação epistemológica. Esse fato, porém, não o impediu de utilizá-las como instrumento auxiliar na validação de suas especulações metafísicas. Tal como Freud, ele utilizou outra disciplina, mas evitou qualquer redução do seu campo de conhecimento à disciplina utilizada como apêndice argumentativo.

4. História da psicanálise

Por fim, para que se estabeleça melhor qualquer diálogo entre disciplinas distintas, é necessário visualizar o contexto em que cada uma se inscreve. Somente desse modo pode-se vislumbrar em que medida as idéias atribuídas à influência de Schopenhauer sobre Freud estavam contidas no pensamento vigente da época, tais como caráter inconsciente das determinações do comportamento, preponderância do elemento sexual, ceticismo em relação à religião, repressão e egoísmo.

A separação entre o consciente, como qualidade fundamental do psiquismo, e o inconsciente é operada por Freud através de uma naturalização do psiquismo e da explicitação dos processos físicos concernentes a ele. Freud alude essa descoberta das determinações inconscientes e a visão do psiquismo como inconsciente a Theodor Lipps, provavelmente influenciado pela leitura de seu livro.¹⁰ Segundo Mackay, “já foi convincentemente demonstrado [...] que muitas das teorias freudianas derivam de seu repertório neurobiológico [...] neste sentido, Freud nunca abandonou

¹⁰ “Tampouco é preciso supor que essa visão alternativa do psiquismo constitui uma inovação devida à psicanálise. Um filósofo alemão, Theodor Lipps, afirmou muito explicitamente que o psiquismo é, em si mesmo, inconsciente” (Freud 1940, p. 288).

suas idéias neurológicas” (1989, p. 17). Dentre as influências verificadas na formação freudiana, podemos ressaltar nomes como Ernst Brücke e Sigmund Exner.

A experiência de satisfação, por exemplo, encontra seu desenvolvimento na carreira freudiana já na fase dita pré-psicanalítica e parece não variar muito em termos de definição em relação ao elemento quantitativo que dera origem ao conceito de pulsão e seus desdobramentos. Mesmo com todas as mudanças ocorridas na passagem entre as teorias pulsionais e a posterior formulação da pulsão de morte, pode-se dizer que a experiência de satisfação ainda encontra sua fundamentação na descarga de energia. Essa conceituação negativa da experiência de satisfação, encarada como descarga da tensão que se acrescenta como decorrência da necessidade de um estado de acréscimo de energia anterior, já se encontra formulada nos mestres de Freud.¹¹ A própria noção de excitação, do modo como é explicitada no *Projeto...*, muito se assemelha à concepção de Exner descrita em trabalhos anteriores. Ou seja, há uma correspondência muito significativa entre os conceitos desenvolvidos no *Projeto...*, que, por sua vez, são fundamentais para o desenvolvimento da psicanálise, e as teorias desenvolvidas na Escola de Helmholtz. Sendo o conceito de pulsão um dos pilares na formulação da psicanálise, podemos perceber o quanto este já estava presente nas teorias neurofisiológicas com as quais Freud estava envolvido.

Mesmo a consideração do mundo em uma perspectiva que acentua o caráter mais propriamente subjetivo na constituição da representação deste e que, muitas vezes, é identificada como uma influência do pensamento schopenhaueriano, parece não se basear nas reais condições de constituição da psicanálise ou nas pesquisas com as quais Freud estava envolvido na Escola de Helmholtz. A importância atribuída ao sistema Ψ no *Projeto...* é evidência da preocupação que ele tinha pela gênese do

¹¹ “His descriptions of neuronical inertia, of Bahnung between cortical neurons, and of experience of satisfaction as the basic cortical and psychological process were essentially restatements of concepts he had learned from Brücke, Meynert and Exner” (Amacher 1965, p. 72).

aparelho psíquico¹² e, principalmente, por um funcionamento baseado na estimulação proveniente dos órgãos internos do corpo. Nesse sentido, o trabalho de Amacher – no qual discorre sobre as influências da educação neurofisiológica freudiana na contribuição à constituição da psicanálise – é elucidativo, pois desmistifica o suposto plágio freudiano. Amacher demonstra como Meynert e Exner já postulavam uma preponderância significativa dos processos internos na constituição do psiquismo e das “necessidades do corpo” como influência na transmissão das excitações ao longo do córtex. Exner, inclusive, havia considerado “a excitação que resultava da ação dos órgãos sexuais” (Amacher 1965, p. 65), enquanto Meynert havia usado como um dos exemplos “a excitação resultante da necessidade por comida” (ibid.).

Essas influências da escola de medicina – que possuíam forte tendência de explicação dos processos psíquicos através do modelo físico-químico e já outorgavam especial atenção às influências das excitações provenientes dos órgãos internos sobre estes – foram, muitas vezes, confundidas com uma inspiração filosófica em Freud. A preponderância do caráter sexual na etiologia das neuroses e, posteriormente, na atribuição dentro do próprio processo de constituição da personalidade pode ser mais bem rastreada em estudos de Exner do que em supostas leituras schopenhauerianas por parte de Freud. Inclusive, investigações acerca da plasticidade da vida mental do indivíduo podem ser encontradas em Exner – *vide* postulação do córtex como sede onde se dá a plasticidade responsável pelas respostas apropriadas a situações específicas do cotidiano. A plasticidade conferida ao desenvolvimento das associações no córtex entra em conexão com o centro emotivo que, por sua vez, influencia na formação de idéias através de influxos de excitação. A quantidade de excitação (entre as quais Exner postula as de origem sexual) é determinante na conexão entre eventos corticais e o centro de emoção. Seja no exemplo de Meynert

¹² O estabelecimento de Ψ acaba por introduzir a distinção entre psíquico e consciente, separação outorgada precipitadamente por alguns comentadores como de influência schopenhaueriana.

acerca da fome infantil¹³ ou no de Exner em relação ao enamoramento, há o estabelecimento de associações entre um acréscimo de excitação no córtex proveniente de necessidades internas do corpo e idéias, representações de objeto que possuem a utilidade de descarga de excitação. Podemos ver, já em Exner, muitas das idéias presentes no *Projeto...*, embora não exatamente idênticas, como a postulação de um centro do desprazer, um dos responsáveis pela concepção de uma origem da formação psíquica baseada em um princípio interno de constituição de idéias e memória, ou seja, de representações. Há também o desenvolvimento da concepção da influência instintual sobre as representações em Exner, derivado fundamentalmente de sua formulação de um centro de prazer e centro de dor que influenciam na formação de representações. Como sabemos, Freud não postula um centro do prazer, mas utiliza os conceitos de prazer e dor como fundamentais na constituição do aparelho psíquico. James Strachey também procurou rastrear indícios das primeiras formulações do conceito de recalçamento: “a pouco tempo se ressaltou que a palavra ‘*Verdrängung*’ (‘recalçamento’) ocorre nos escritos do psicólogo Herbart (1824), do início do século XIX, cujas idéias tiveram grande influência sobre numerosas pessoas que faziam parte do círculo de Freud” (Strachey em notas introdutórias de *Estudos sobre histeria* – Freud 1893-95, p. 16). Strachey, apesar de rastrear o conceito, não retira “a originalidade do pensamento de Freud” (ibid.).

A exposição sistematizada dessas influências pode ser encontrada em trabalhos mais específicos, que tratam diretamente da questão. Dada a quantidade de trabalhos que discutem o assunto, sempre estabelecendo uma relação direta da formação neurológica de Freud sobre a psicanálise, preferimos simplesmente indicar alguns.¹⁴ Nosso objetivo foi somente apontar os equívocos decorrentes de uma transposição de conceitos entre diferentes teorias sem a recorrência a uma análise mais propriamente historiográfica e, conseqüentemente, indicar as falhas decorrentes da atri-

¹³ Posteriormente também utilizado como exemplo por Freud.

¹⁴ Sobre as influências de neurofisiologia na construção da teoria psicanalítica, podemos citar a publicação de Amacher (1965).

buição de uma influência direta do pensamento de Schopenhauer sobre Freud. Se essa influência de fato se exerceu, como acreditamos que tenha ocorrido, ela se deve mais a uma conjuntura, a um somatório de questões comuns vigentes na época, encontrando respaldo tanto na obra de Schopenhauer quanto nas pesquisas científico-fisiológicas. Descartar qualquer tipo de relação entre Freud e Schopenhauer não foi a intenção do presente trabalho. O problema reside em identificar as relações como indícios de identidade, descaracterizando as peculiaridades dos autores ou, ainda, o que é pior, tomar as relações como suficientes para que se transponha a *Weltanschauung* de Schopenhauer à obra freudiana.

Referências

- Amacher, P. 1965: "Freud's neurological education and its influence on psychoanalytic theory". *Psychological issues*, v. 4, n. 4, monograph 16.
- Assoun, P. L. 1976: *Freud, la philosophie et les philosophes*, Paris, PUF.
- _____. 1995: "Oedipe philosophe". *Magazine Littéraire*, n. 328, pp. 62-4.
- Bianco, A. 2002: "Freud: entre o movimento romântico e o pensamento científico do século XIX". *Psychê*, ano 4, n. 10, pp. 149-69.
- Bischler, W. 1939: "Schopenhauer and Freud: a comparison". *Psychoanal. Quart.*, n. 8, pp. 88-97.
- Brook, C. e Young 1994: "Schopenhauer and Freud". *Int. Journal Psychoanal.*, n. 75, pp. 101-18.
- Clegg, J. 1980: "S. Freud and the issue of pessimism". *Schopenhauer Jahrbuch*, n. 61, pp. 37-50.
- Ellenberger, H. 1970: *The discovery of the Unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York, Basic Books.
- Freud, Sigmund 1893-95: *Estudios sobre la histeria*. (Breuer y Freud). In: Freud 1988.
- _____. 1900: *La interpretación de los sueños (continuación)*. In: Freud 1988.

- Freud, Sigmund 1915: *Pulsiones y destinos de pulsión*. In: Freud 1988.
- ____ 1933: *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. In: Freud 1988.
- ____ 1940: *Algunas lecciones elementales sobre psicoanálisis*. In: Freud 1988.
- ____ 1950: *Los orígenes del psicoanálisis*. In: Freud 1988.
- ____ 1988: *Obras completas de Sigmund Freud*. 24 v. Buenos Aires, Amorrortu.
- ____ 1995: *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro, Imago.
- Gardiner, P. 1963: *Schopenhauer*. London, Penguin Books.
- Gay, P. 1989: *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Gupta, R. K. 1986: "Schopenhauer, Marx and Freud on Literature". *Schopenhauer-Jahrbuch*, n. 67, p. 113-29.
- Hamlyn, D. W. 1988: "Schopenhauer and Freud". *Revue Int. de Philosophie*, n. 42, pp. 5-36.
- Mackay, N. 1989: *Motivation and Explanation*. Connecticut, International Universities Press.
- Magges, B. 1989: *The Philosophy of Schopenhauer*. New York, Oxford Univ. Press.
- Neves, R. R. e Neves, A. F.: 2002: "Freud e o esquecimento de Schopenhauer em *Die Flucht ins Vergessen*, de Marcel Zentner". *Psicol. Reflex. Crit.*, n. 15, pp. 461-4.
- Philonenko, A. 1980: *Schopenhauer – une philosophie de la tragédie*. Paris, Vrin.
- Procter-Greg, N. 1956: "Schopenhauer and Freud". *Psychoanalytic Quarterly*, v. 2, n. 25, pp. 197-214.
- Raikovic P. 1996: *O sono dogmático de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Rouanet, S. P. 1996: *Filósofos e escritores alemães – a formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro, Imago.

- Schopenhauer, A. s/d: *O mundo como vontade e representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Porto, Rés-Editora.
- _____. 1958: *The World as Will and Representation*. v. II. Tradução de E. F. Payne. New York, Dover.
- _____. 1980: *A crítica da filosofia kantiana*. Tradução de Maria Lucia Cacciola. São Paulo, Abril. (Coleção Os Pensadores).
- _____. 2003: *Fragmentos para a história da filosofia*. Tradução de Maria Lucia Cacciola. São Paulo, Iluminuras.
- Torres Filho, R. 1987: "A virtus dormitiva de Kant". In: *Ensaio de filosofia ilustrada*. São Paulo, Brasiliense, pp. 25-52.